

GARRETT, Almeida. Camões. In:  
Obras de Almeida Garrett

Vol. II. Parto: 10/10 & Jmwar,

1963.

## CAMÕES

### CANTO PRIMEIRO

Esta é a ditosa Pátria minha amada,  
 A qual se o Céu me dá que eu sem perigo  
 Torne com esta empresa já acabada,  
 Acabe-se esta luz ali comigo.

Lusitad.

I

Saudade! gosto amargo de infelizes,  
 Delitoso pungir de acerbo espinho,  
 Que me estas repassando o íntimo peito  
 Com dor que os seios d'alma dilacera.  
 — Mas dor que tem prazeres — Saudade!  
 Misterioso nume, que aviventas  
 Corações que estalaram, e gotejam  
 Não já sangue de vida, mas delgado  
 Soro de estanques lágrimas — Saudade!  
 Mavioso nome que tão meigo soas  
 Nos lustanos lábios, não sabido  
 Das orgulhosas bocas dos Sicambros  
 Destas alheias terras, — Oh Saudade!  
 Mágico nume que transportas a alma  
 Do amigo ausente ao solitário amigo.

Do vago amante à amada inconsolável,  
 E até ao triste, ao infeliz proscrito  
 — Dos entes o misérrimo na Terra —  
 Ao regaço da pátria em sonhos levas,  
 — Sonhos que são mais doces do que amargo,  
 Cruel é o despertar! — Celeste nume,  
 Se já teus dons cantei e os teus rigores  
 Em sentidas endechas, se piedoso  
 Em teus altares húmidos de pranto  
 Depus o coração que inda arquejava  
 Quando o arranquei do peito maisolido  
 À foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo  
 Me leva o pensamento que esvoaça  
 Timido e acobardado entre os olmeados  
 Que as pobres águas deste Sena regam,  
 Do outra ovrante Sena. Vem, no carro  
 Que partdas rolas gemedoras tiram,  
 A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa moça  
 Desta volúvel, leviana gente:  
 Não te conhecem eles. — Eia, vamos!  
 Deixa o caminho da infeliz Pirene:  
 Tais mágoas, como ai vão, poupa a meus olhos:  
 Assaz tenho das minhas. — Largo! aos mares  
 Livres corramos sobre as ondas livres  
 Do oceano indomado por tiranos,  
 Livre como saíu das mãos do Eterno,  
 Sua feitura única no globo  
 Que impias mãos de homens não puderam inda  
 Avassalar, destruir. Al de entre as vagas  
 Surge a princesa altiva das armadas,  
 Pátria da lei, senhora da justiça,  
 Couto da foragida liberdade.  
 Salve, Britânia! salve, flor dos mares,  
 Minha terra hospedeira, eu te saúdo!  
 Se ora pousando em tuas ricas pratas,  
 Pudesse ir abraçar féis amigos  
 Que pelas ribas desse nobre Tamisa  
 Vivem à sombra da árvore sagrada  
 De abençoada independência a vida!

Não posso; mas sobeja-me a lembrança  
 Indelével, e a voz não morredoura  
 Da amizade gratíssima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos  
 Mirradores que a vida me entravavam,  
 Adoçaste o amargor, e com benigna  
 Dextra cravaste à roda do infortúnio  
 Cravo que o giro bárbaro lhe impeça;  
 A ti, a quem a vida, que se me ia  
 Em desalento, em desconforto, devo,  
 A ti minhas endechas mal cantadas  
 Nas solidões do exílio, onde as repetem  
 Os ermos ecos de estrangeiras grutas,  
 A ti meus versos consagrei na lira:  
 Quebrada sobre o escolho da desgraça  
 Inda languídos sons desfero a medo,  
 Que a teu fiel ouvido vão memórias  
 Lembrar da pátria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Ria celeuma aos ares sobe  
 E fere os ventos que nas ondas folgam.  
 — Terra, terra! bradou gajeiro alerta.  
 — Terra! eoca conflua vozearia  
 Da marítima turba: — Oh! voz querida,  
 Doce aurora de gozo e de esperança  
 Ao coração do nauta enfracuado,  
 Do alquebrado sequioso passageiro,  
 Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,  
 Nessa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da pátria! Debuxada  
 Se vê pulando a mágica alegria  
 Nos semblantes de todos. Já contentes,

Em que te hei desmercido, ó Pátria minha?  
 Não foi meu Drago ao campo das batalhas  
 Segar-te louros? Meus sonoros hinos  
 Não voaram por ti à eternidade?  
 E tu, mãe descoctoável, me enjastei!  
 Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;  
 Sou teu filho: meus ossos cobre ao menos,  
 Terra da minha Pátria, abre-me o solo.

## XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora  
 Que baixo a sepultura? Não remorsos,  
 Vergonhas não. Para a corrida senda  
 Sem pejo os olhos de volver me é dado,  
 E tranquillo direi: vivi:—tranquillo  
 Dizei: morro. Não dormem no jazigo  
 Os ossos do malvado? Não: continuo,  
 Na inquieta campã estão rangendo  
 Ao som das maldições, deixa de crimes,  
 Legado impio dos maus. Eu sossegado  
 Na terra de meus pais hei-de encostar-me...

## XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:  
 Vêu que enubla, na vida, os olhos do homem,  
 Se adalgaga: rasgado, os seios me abre  
 Do escondido porvir... Oh! qual te hás feito,  
 Misero Portugal!... oh! qual te vejo,  
 Infeiz Pátria! Servas tu, princesa,  
 Tu, senhora dos mares!... Que titanos  
 As águas passam do Guadiana? A morte,  
 A escravidão lhes traz ferros e sangue...  
 Para quem? Para ti, mesquinha lista.

1 O cavalleiro caselhano dos 80 anos.

## XIX

«Que naus são essas que únosas surcam  
 Pelo esteiro do Cama? Pendões bárbaros!  
 Varrem o Oceano, que pamado busca,  
 Em vão! nas popas descobrindo as Quinas,  
 Em vão: da haste da lança escallavada  
 Roto o estandarte cai dos portuguezes.

## XX

«Cinza, esfrida cinza é todo o alecgar  
 Da glória lusitana... uma falsa,  
 Esquecida a tiranos, lá chintila:  
 Mas não débil que vents, sopro de vida!  
 Um só momento com vigor no peito  
 O coração te pulsa. Exangue, enferma  
 Só te ergues desse leito de miséria  
 Para cair, desfalecer de novo.

## XXI

«Onde levas tuas águas, Tejo aurífero?  
 Onde, a que mares? Já teu nome ignora  
 Neptuno que de ouvi-lo estremeca.  
 Soberbo Tejo, nem padrão ao menos  
 Ficará de tua glória? Nem herdeiro  
 De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,  
 Generoso Amazonas, o legado  
 De honra, de fama e brio: não se acabe  
 A lingua, o nome portuguez na Terra.  
 Prole de Lusos, peja-vos o nome  
 De Lusitanos? Que fazeis? Se extinto  
 O paterno casal cair de todo,  
 Ingratos filhos, a memória antiga  
 Não guardareis do pátrio, honrado nome?  
 Oh Pátria! oh minha Pátria!...»

1 Holandeses, etc.  
 2 Veja nota no fim.

## XXII

A voz, que atroixa,  
 Interromperam sons desconhecidos  
 De voz de estanho que na estância humilde  
 Entra do vale: — «Perdoai se ouso  
 Dizei, senhor, mas...»

«Quem sois vós? Há inda  
 Homem no mundo que a possada obscura  
 De um moribundo saiba?»

— «Cavalleiro,  
 Desde o alvor da manhã que vos procuro:  
 De África hoje cheguei...»

«Ah! perdoai-me.  
 Sois vós, conde? Voltastes? E que novas  
 Me trazeis?»

— «Tristes novas, cavalleiro.  
 Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,  
 Sabereis tudo.» — Ao vale a carta entrega:  
 Do missionário era, que dos cárceres  
 De Fez a escreve. Saudoso e triste,  
 Mas resignado e plácido, lhe manda  
 Consolações, palavras de brandura.  
 De alvivo e de esperança. — Exhinto é tudo  
 Nesta mansão de lágrimas e dores»

— As letras dizem, — tudo: mas a pátria  
 Da eternidade, só a perde o impio.  
 Deus e a virtude restam: consolar-vos... —

## XXIII

«Oh! consolar-me?» exclama, e das mãos trémulas  
 A epístola fatal lhe cai: «Perdido  
 É tudo pois!...» No peito a voz lhe fica;  
 E de tamanho golpe amortecido  
 Inclina a frente... como se passara,  
 Fecha languidamente os olhos tristes,  
 Ansiado o nobre conde se aproxima  
 Do leito... Ail tarde vents, auxilio do homem.  
 Os olhos turvos para o céu levanta;  
 E já no arranco extremo: — «Pátria, ao menos  
 Juntos morreremos...» — E expirou coa Pátria.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento  
 Que do immortal cantor as cinzas gu  
 Homenagem tardia lhe pagastes  
 No sepulcro sequer... Raça de ingr  
 Nem isso! nem um tímulo, uma pe  
 Uma letra singela! — A vós meu ca  
 Canto de indignação, ultimo acen  
 Que jamais sairá da minha lira,  
 A vós, ó povos do universo, o envi  
 Ergo-me a delatar tamanho crime,  
 E eterna a voz me gelará nos lábios  
 Lira da minha pátria, onde hei cant  
 O lusitano — envilecido! — nome,  
 Antes que nesse escolho, em pra  
 Quebrada te abandone, este só bra  
 Aleveia final e derradeiro:  
 Nem o humilde lugar onde repousar  
 As cinzas de Camões, conhece o Lu